

EM SURDINA...

Paulista, meu conterraneo,
Contemplo um teu instantaneo
Já treze anos depois...
Confronto, com muito afinco,
Teu voto em quarenta e cinco,
Teu porte de trinta e dois.

Qual foi a data do engano?
Quando acusaste o tirano
Com a boca do teu fuzil?...
Ou quando deste-lhe o voto
De um fervoroso devoto
Ao ditador do Brasil?

Pois bem, mudaste. É um direito.
Corrige, então, teu conceito.
Poupa-te as horas amargas.
Vai a teu quarto; ha um lembrete,
Escreve em teu capacete:
— "Votei no Getulio Vargas!"

Festeja, meu voluntario!
Pega o fuzil lá no armario;
Dispara todas as cargas.
Grita com espalhafato:
"Triunfou meu candidato"
Votei no Getulio Vargas!

Olha o teu dedo, Paulista.
Vês, ha um anel passadista,
Uma aliança maldita
Que te atrapalha e confunde...
Pega esse ferro. Refunde.
Faze do anel a "marmita".

Abre uma outra gaveta!
Transforma tua baioneta
Em ferramenta "civil"
Pega a arma, sai para a rua,
Faze do sabre a gazua
E abre o Banco do Brasil!

Evoca as marchas guerreiras
Que ardiam pelas trincheiras
Na boca da soldadesca!
A letra mais nada encerra.
Entoa os hinos de guerra
Com a letra carnavalesca...

O pavilhão dos paulistas
Bandeira das treze listas
É hoje um mau estribilho.
Rasga esse trapo e o poema
Cobre a legenda e o emblema
Com o busto do teu caudilho!

Fecha na "tapa ou no peito"
A academia de direito
(Tachaste-a de arruaceira)
Põe tudo na tua bitola
Tira teu filho da escola
E ensina-o a passar rasteira.

Vai à rua onde ha uma placa
Perfura o nome, esburaca.
Apaga o "Nove de Julho"
Deixa a historia definida.
Muda o nome da Avenida
Para "Avenida Getulio".

Vai a um terreno baldio
Cheio de Cruzes, sombrio,
De covas fundas e largas.
E fala, lembrando o vulto
De teu irmão já sepulto:
"Votei no Getulio Vargas".

Enfim, meu paulista estulto,
Se achares que assim te insulto
Com tanta verdade clara,
Conto contigo, meu bravo,
Porque te tornas escravo
De quem te cospe na cara!